

Sobre Preteristas e Pós-Milenistas¹

Kenneth L. Gentry, Jr.

Tradução: Felipe Sabino de Araújo Neto²

PENPOINT: Dr. Gentry, quando falamos de “escolas” de interpretação ou opinião teológica – como “teonomistas”, “pós-milenistas” ou “preteristas” – há uma tendência em pensar sobre esses grupos em termos monolíticos, como se todos os seus proponentes fizessem parte de um mesmo e único “partido”. De que formas, se alguma, o reavivamento do pós-milenismo bíblico difere das versões anteriores dentro da tradição Reformada (por exemplo, o pós-milenismo Puritano)?

GENTRY: Você está correto em dizer que precisamos estar cientes de uma falta de unanimidade rígida em qualquer ponto de vista milenar, incluindo o pós-milenismo. O “pós-milenismo Puritano” é tão amplamente variado que para classificar as várias posições, eu recomendaria altamente a leitura de Crawford Gribben, *The Puritan Millennium: Literature & Theology 1550-1682* (Dublin, Ireland: Four Courts Press, 2000).

Mas em linhas gerais podemos distinguir entre um pós-milenismo historicista (sustentado pelos Puritanos) e um pós-milenismo preterista, que é atualmente a visão mais popular. Isto é, as formas anteriores de pós-milenismo tendiam a interpretar o Apocalipse como uma figura de toda a história da igreja, enquanto a visão preterista o interpreta como tratando com assuntos diretamente relevantes para os primeiros séculos da igreja cristã. Mas em última análise, a realidade fundamental do pós-milenismo permanece a mesma: o evangelho ganhará a grande maioria dos homens antes da volta de Cristo.

P: Havia algum “preterista” entre a antiga escola do pós-milenismo?

G: Alguns dos proponentes historicistas estavam perto de serem preteristas num grande grau. O teólogo de Westminster, John Lightfoot (1658), embora um historicista, defendia que Apocalipse 1:7 fala do ano 70 d.C., e interpretou grande parte do Apocalipse dessa forma, embora o visse se desenvolvendo também na história posterior da igreja. Preteristas Reformados da época incluíam o teólogo de Westminster Henry Hammond (1653), bem como Hugo Grotius (1630) e Jean LeClerc (1712).

P: R.J. Rushdoony, que contribuiu significativamente para o reavivamento do pós-milenismo bíblico na última metade do século 20, não era um “preterista” –

¹ Entrevista com o Dr. Kenneth L. Gentry, Jr publicada na revista *The Word*, Volume 12, Edição 6 (Julho de 2001).

² E-mail para contato: felipe@monergismo.com.

correto? Onde a interpretação “preterista” foi introduzida no pós-milenismo contemporâneo?

G: Rushdoony era um idealista. Certamente, o idealismo pode trabalhar ao mesmo tempo com o preterismo, se lidado apropriadamente. Afinal, nós cremos que as declarações históricas da Escritura também estabelecem paradigmas para as ações de Deus entre os homens. O preterismo Reformado contemporâneo surgiu com J. M. Kik no começo dos anos de 1950 (dois pequenos volumes, *Twenty-Four and Revelation Twenty*, reimpressos mais tarde como *An Eschatology of Victory*), foi percebido por Jay Adams (*The Time is at Hand*, 1966), e promovido por Cornelis Vanderwaal (1978) e Greg Bahnsen (final dos anos de 1970).

P: Há uma relação hermenêutica ou teológica entre pós-milenismo e preterismo, ou é totalmente coincidência? Existem amilenistas preteristas?

G: Preterismo é uma ferramenta hermenêutica; pós-milenismo é um sistema escatológico. O preterismo se encaixa perfeitamente no pós-milenismo, mas não é uma condição necessária para ele. Historicamente, a maioria dos pós-milenistas não eram preteristas. E há muitos preteristas que não são pós-milenistas, tais como Jay Adams e Cornelis Vanderwaal. De fato, sobre Mateus 24, o Puritano pré-milenista John Gill oferece uma abordagem preterista que eu sigo perfeitamente. Hoje até mesmo alguns “dispensacionalistas progressivos” estão permitindo uma grande invasão preterista em seu sistema, por exemplo, C. Marvin Pate e David Turner.

P: Como um “pós-milenista preterista”, você está ciente de algum desacordo significativo “em casa” entre aqueles que compartilham sua perspectiva geral sobre escatologia?

G: Basicamente há duas escolas conflitantes de interpretação preterista (excluindo as várias e constantemente mutáveis abordagens hiperpreteristas, que são heréticas): Uma escola considera Apocalipse uma figura da luta da Igreja contra dois inimigos primitivos da igreja: um religioso, e outro político, isto é, o Israel judaico e a Roma imperial. O outro ramo vê o foco como se concentrando primariamente sobre Israel, embora observando uns poucos lugares onde João se move para um contexto político mais amplo e aborda Roma.

P: Eu entendo que você discorda do Dr. Bahnsen sobre a interpretação do livro do Apocalipse.

G: Dr. Bahnsen foi meu mentor em teologia e exegese. Essa foi a única área principal onde eu e ele discordamos. Ele sustentava a visão Israel/Roma, e eu a visão de Israel somente. De fato, a última vez que nos encontramos (aproximadamente oito meses antes de sua morte) ele discutiu a questão comigo. Conversamos sobre o assunto por aproximadamente uma hora. De fato, ele gostou; eu suei muito!

P: Quais você considera ser as indicações mais significantes de que Apocalipse está tratando tanto com o Israel apóstata como com a Roma pagã?

G: Dada a natureza complexa de interpretar um livro inteiro – especialmente um livro como o Apocalipse – a questão de discernir pistas interpretativas é tanto importante como difícil. Alguns das questões em favor de Roma que ele me apresentou foram: (1) Apocalipse 10 (especialmente v. 11) parece preparar João para uma mudança de visão, transitando de um foco sobre Israel para um foco sobre Roma. (2) A prostituta sentada sobre sete montes (Ap. 17:9). (3) Seu domínio sobre “os reis da terra” (Ap. 17:18). (4) Suas relações com “povos, multidões, nações e línguas” (Ap. 17:15). (5) A enorme riqueza da Cidade Prostituta (Ap. 18), especialmente integrada com indicadores de prosperidade através do comércio internacional (Ap. 18:10-19).

P: Como você poderia responder essas questões? Elas parecem bem convincentes.

G: Apenas brevemente (para maiores detalhes, você terá que consultar meu próximo comentário, *The Divorce of Israel*): (1) Apocalipse 10 dirige João a profetizar com respeito a Roma. E ele assim o faz em Apocalipse 13 especialmente, mas também em fragmentos aqui e ali onde a Besta aparece. (2) A prostituta sentada sobre os sete montes parece sugerir sua dependência legal de Roma para prender Cristo e os cristãos, não sua posição geográfica. Lembre-se como os judeus forçaram as mãos dos romanos no relato da crucificação e na perseguição aos cristãos em Atos. (3) Eu entendo “a terra” como significando “a Nação”, isto é, Israel. A profecia dos “reis da terra” significa a resistência política de Jerusalém a Cristo e ao Cristianismo. (4) A relação com os “povos” enfatiza o fato que a Diáspora espalhou os judeus por todo o império, permitindo que ela exercesse influência além da Palestina. Essa presença universal dos judeus era uma irritação para os não-judeus, que detestavam os judeus por seus rituais orgulhosos (veja Filo e Suetônio). (5) A riqueza da cidade aponta para a enorme riqueza gerada através do sistema do templo, por meio de coleta de taxas dos judeus por todo o império, especialmente quando o Templo estava sendo reconstruído desde os dias de Herodes até uns poucos anos antes dele ser destruído. Essa riqueza foi fonte de irritação para escritores romanos tais como Tácito e Juvenal.

P: Quais são as principais considerações que levaram você à conclusão que as visões de João se focam amplamente sobre Israel e Jerusalém?

G: Eu fui compelido por várias questões: (1) João insiste que os eventos iriam ocorrer “em breve” (por exemplo, Ap. 1:1, 3; 22:6, 10). (2) O tema de Apocalipse em 1:7 ocorre quase imediatamente após a observação de proximidade e parece apontar para o ano 70 d.C. como um julgamento sobre os judeus que causaram a morte de Cristo. (3) Apocalipse 1:7 é idêntico em sentimento e muito próximo em forma (combinando Zacarias 12 e Daniel 7:13) de Mateus 24:30. O versículo em Mateus é controlado por (a) referências à destruição do Templo (24:2), (b) foco sobre Judéia (24:16), e (c) o indicador temporal (24:34). (4) Apocalipse está contrastando duas cidades: “Babilônia” e a “nova Jerusalém”. De fato, à medida que Babilônia cai, a nova Jerusalém é estabelecida (Ap. 18; 21). O fato de ela ser uma “nova” Jerusalém sugere fortemente sua oposição à Jerusalém antiga e histórica (cp. Gl. 4:25-26; veja também: Hb. 12:18, 22). João pinta Jerusalém como uma “Babilônia”, uma inimiga de Deus que causa a destruição do seu próprio templo, muito parecida com o que Isaías chama de “Sodoma e

Gomorra” (Is. 1). Portanto, João mostra Deus em seu trono judicial (Ap. 4), apresentando seu decreto de divórcio contra Jerusalém (Ap. 5; cp. Jr. 3:1-8), observando a figura da prostituta, a testa e o divórcio, punindo-a por seu adultério (Ap. 6-9, 16-19), e então tomando uma nova noiva, a Igreja (Ap. 21-22).

P: Mudando para um assunto relacionado. Os pós-milenistas preteristas e não-preteristas diferem significativamente em sua leitura de Mateus 24? Existem interpretações diferentes dos dois “dias” entre os preteristas?

G: Mateus 24 tem sido sujeito a uma variedade muito ampla de abordagens interpretativas. Talvez a mais amplamente endossada sustenta que o Senhor mistura mais ou menos material sobre o ano 70 d.C. e o segundo advento, visto que o ano 70 d.C. é um precursor microcômico do segundo advento. Essa visão torna difícil classificar os versículos, pois se deve mostrar sobre qual evento os versículos particulares se focam. Entre os evangélicos preteristas, duas posições básicas prevalecem: que 24:4-34 foca-se no ano 70 d.C. e 24:36 em diante no segundo advento. A outra visão sustenta que tudo de Mateus 24 trata com o ano 70 d.C.

P: A última visão – que tudo de Mateus 24 refere-se ao ano 70 d.C. – é o que você chama de “hiperpreterismo”, ou existem preteristas “moderados” que sustentam essa interpretação de Mateus 24? Como essa interpretação difere da do “hiperpreterismo”?

G: Embora seja verdade que o hiperpreterismo sustente que todo o sermão do Monte das Oliveiras fala do ano 70 d.C., a posição de alguém sobre essa questão particular não a coloca necessariamente na heresia hiperpreterista. A diferença na interpretação deste ponto específico pode ser totalmente insignificante entre um intérprete ortodoxo e um hiperpreterista. De fato, há vários versículos onde encontramos discórdia entre intérpretes ortodoxos e onde podemos constatar similaridade com a posição hiperpreterista. As diferenças fundamentais apareceriam em outras passagens e sobre questões teológicas específicas. Se um intérprete é desafiado a fornecer uma passagem que suporte o segundo advento e ele não pode fornecer nenhuma, ou se ele não pode afirmar uma ressurreição física no final da história, então temos um sério problema.

P: Que considerações no texto levaram você a concluir que Jesus está distinguindo dois eventos em sua predição?

G: A evidência contextual sugere que Cristo está distinguindo duas vindas diferentes. Uma vinda é sua vinda sobre Jerusalém no julgamento temporal para terminar a era do antigo pacto; a outra é sua vinda no segundo advento no juízo final para terminar a história (24:36ss). Essas duas “vindas” são teologicamente relacionadas, embora historicamente distintas.

Por exemplo, Mateus 24:34 tem toda aparência de funcionar como uma declaração de conclusão; ele parece terminar a profecia precedente: “Em verdade vos digo que não passará esta geração sem que tudo isto aconteça”. Da mesma forma, os eventos seguintes devem estar relacionados a algum episódio

não “[n]esta geração”. Isso sugeriria que todas as profecias antes do versículo 34 deviam ocorrer “[n]esta geração”.

P: Isso parece brotar do sentido de urgência presente na primeira seção do capítulo.

G: Sim. O caráter da primeira difere dramaticamente da segunda. Na primeira seção tudo é caótico, cheio de guerra e perseguição. Na segunda seção tudo parece tranqüilo, com casamento, comida e bebida. E mais, na primeira seção de Mateus 24 o período de tempo é curto: “esta geração”. Na seção seguinte (e Mateus 25) o período de tempo é mais longo: “Mas, se aquele servo, sendo mau, disser consigo mesmo: Meu senhor demora-se” (Mt. 24:48). “E, tardando o noivo, foram todas tomadas de sono e adormeceram” (Mt. 25:5). “Depois de muito tempo, voltou o senhor daqueles servos e ajustou contas com eles” (Mt. 25:19). É o próprio atraso da vinda que tenta a igreja a abandonar sua vigilância.

P: Muitos intérpretes (de escolas diferentes) colocam grande ênfase sobre os “sinais” da vinda descritos nesta passagem. Você pode comentar sobre a sua importância?

G: Antes do versículo 34, Cristo menciona sinais apontando para a vinda de 70 d.C.: “guerras e rumores de guerras” (v. 6), “fomes e terremotos” (v. 7), “falsos profetas” (v. 11), e assim por diante. Assim, podemos saber o tempo da sua aproximação; ele é um evento previsível. Essa é a ênfase de Jesus – estejam alertas, para que possam agir quando o tempo do perigo final estiver sobre Jerusalém. Cristo insta que as pessoas fujam daquela área (Mt. 24:16-20), implicando claramente que haveria tempo para fugir.

Por outro lado, após o versículo 34, os sinais são substituídos por elementos de surpresa, indicando que a vinda naquela seção é desconhecida e, portanto, imprevisível: “não o perceberam” (v. 39), “não sabeis” (v. 42), “se o pai de família soubesse” (v. 43), “porque, à hora em que não cuidais, o Filho do Homem virá” (v. 44), “em dia em que não o espera e em hora que não sabe” (v. 50), e “não sabeis” (25:13). Não há nenhuma advertência – nenhuma oportunidade para fugir – pois não haverá escape daquele “dia”. Tudo acontecerá repentinamente sobre os homens (Mt. 24:48-51).

Outro ponto interessante é que até mesmo Cristo não alega saber o tempo do segundo advento (v. 36). Todavia, na seção anterior ele claramente sabe o tempo do juízo do ano 70 d.C., pois relata aos seus discípulos que certos sinais podem vir, mas “ainda não é o fim” (v. 6). Ele também lhes diz que essas coisas certamente acontecerão “[n]esta geração”.

P: Muito obrigado por responder nossas perguntas, Dr. Gentry. Estou certo que nossos leitores foram instigados a estudar essas questões com maior profundidade. Se quiserem, eles podem consultar sua exposição abrangente do pós-milenismo bíblico, *He Shall Have Dominion*. Você disse que em breve publicará um comentário sobre o livro do Apocalipse?

G: Sim, seu título é *The Divorce of Israel*. Ele sairá no começo de 2002, Deus querendo.